Ano III — Lisboa, Outubro de 1947 — N.º 30

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista (em organização)

NÚMERO AVULSO 2$00

Assinaturas { Anual ..... 12$00 / De 8 números 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

Algo mais sobre as patrulhas

No número 28-29 do «*Sempre Pronto*», *Lobo Velho* apresentou-nos um tema interessantíssimo, que, apesar de ter compravado a sua eficácia, parece não ser compreendido ainda em toda a sua amplitude, por alguns dirigentes escotistas. Refiro-me ao Sistema de Patrulhas. Indo atrás da pista de *Lobo Velho*, vou meter uma lança a favor das patrulhas.

A maior parte dos meus largos anos de vida escotista desenvolveram-se no ambiente alegre de uma Patrulha, dela fui Guia, e nela, perfeitamente conjugados, obtivemos excelentes triunfos e grandes resultados. Éramos uma boa Patrulha «Phillipps». E de todas as agradáveis recordações que guardo do escotismo, nenhuma supera a recordação de minha patrulha. Assim pois, por conhecer pràticamente o sistema, sou um decidido partidário dele, sempre que seja aplicado em toda a sua extensão.

B. P. chamou ao Sistema de Patrulhas «a chave do êxito», e nas «Bases do Método Escotista» se diz que, «por meio deste método, cada escoteiro tem assegurado o ser tratado individualmente, e a sua responsabilidade que aumenta constantemente, e a confiança em si próprio, chegam a ser aquisições proveitosas ao civismo».

E como o escotismo é, em essência, um sistema de educação cívica, nenhum Chefe Escoteiro pode deixar de empregar o procedimento mais eficaz que, para o bom êxito de sua missão, lhe oferece a técnica escotista.

É imprescindível excluir o sistema de educação em massa, que só conduz à obtenção de rapazes disciplinados, porém carecendo de espírito, de iniciativa individual, e do hábito de pensar, já que se habituam a mover-se só à voz do mando. Na educação em massa, o Instrutor esgota inùtilmente as suas energias e o rapaz não pode desenvolver o seu carácter.

O escotismo encontrou a solução nas patrulhas, pequenos grupos de rapazes unidos debaixo dum símbolo convencional, e submetido à autoridade moral de um deles. Criai patrulhas autênticas, patrulhas com forte espírito de equipa e com plena responsabilidade de seus actos, com possibilidade de levar adiante as suas próprias iniciativas, e ficareis assombrados com os resultados.

A independência das patrulhas não indica que o Instrutor descuide da educação de seus rapazes, já que deve manter um «contrôle» sobre eles. Só o fazendo num sentido amplo e compreensivo.

A pedra angular da patrulha é o Guia, e de sua acertada eleição depende quase sempre o êxito ou o fracasso do sistema. O Guia pois, será o escoteiro mais habilitado dos oito, porém habilitado debaixo do ponto de vista dos seus companheiros, não segundo o Instrutor. Porque o ideal dos rapazes não recai sobre aquele que, por exemplo, sabe traduzir latim, senão naquele que melhor sabe desenvolver-se no campo e conhece as artimanhas para resolver qualquer problema.

Nomeado o Guia há que lhe dar toda a importância moral que na realidade tem, e fazê-lo intervir na direcção do Grupo por meio dos Conselhos de Guias, amigável assembleia a que as patrulhas levam as suas iniciativas e onde o Instrutor dita normas e directrizes.

Pode-se—e deve-se—manter uma reserva de futuros Guias, que, segundo as necessidades do Grupo, vão subindo ao cargo nas novas patrulhas. Tal missão cabe à Escola de Guias, a ela assistem os melhores escoteiros do Grupo, seguindo um plano de trabalho desenvolvido pelo

(Continua na 2.ª página)

Poeira do «Jamboree»

Falar de Portugal, da nossa terra, quando nos encontramos fora do seu seio, é um prazer que cativa e sabe bem! Por isso foi para nós uma recepção magnífica, as palavras de um escoteiro austríaco, que nos disse, enquanto aguardávamos que nos fosse indicado o local onde pudéssemos erguer a nossa tenda:

—Estive em Lisboa durante a guerra! É uma cidade maravilhosa!

Realmente só naquela ocasião pudemos compreender bem as palavras do «Boy-Scout» austríaco. Quem não lembrará com saudades o rosto caiado de branco e cor-de-rosa da velha mas sempre nova Lisboa, ao contemplar as paredes enegrecidas de Paris? Se Paris nos faz lembrar o cavalheiro bem posto, na sua sobrecasaca de fino pano, olhar grave, linha impecável, Lisboa recorda-nos a donzela brincalhona, de vestidos claros e leves, a saltitar pelas suas sete colinas. É por isto que Lisboa foi e continuará a ser a Princesa dos Mares!

* * *

Muitas mais vezes encontrámos escoteiros e outras pessoas que nos abordavam para falar de Portugal. O distintivo verde e encarnado dos escoteiros portugueses era por todos mirado com interesse. «J'ai visité Lisbonne déjà!» *era, muitas vezes, o que nos diziam no meio de grande entusiasmo.*

A dois escoteiros holandeses, representantes de um jornal escotista do seu país, nossos vizinhos no acampamento, entregámos um impresso com vistas do Buçaco, Praia da Rocha e outros pontos turísticos do nosso país. Não esconderam o seu entusiasmo e perguntaram-nos quando se realizaria um «Jamboree» em Portugal. Infelizmente não pudemos corresponder ao interesse por eles manifestado...

* * *

Nos serviços de restaurante, tomámos conhecimento com uma gen-

(Continua na 2.ª página)

Entre nós, Chefes

CONCURSOS

Têm chegado até nós, caros Chefes, os vossos lamentos pela total paralisação do Movimento Escotista. Queixai-vos amargamente de que há quem negligencie o cumprimento do dever e, certamente, deveis ter razão, Mas permiti-me que vos afirme que tais factos não devem impedir que cada um de nós, Chefes, cumpra o seu próprio dever, dirigindo com entusiasmo e método os serviços e as actividades dos nossos Grupos. E notai que eu disse — **com entusiasmo.** A actividade de um grupo de escoteiros tem de ser feita com vida, alegria e ânimo.

Para isso é conveniente não descurar a organização dos concursos interpatrulhas, Quantos grupos estarão realizando concursos entre as suas patrulhas? Não sei, mas é possível que muito poucos. No entanto, a actividade de um Grupo deve ser constantemente dirigida em sistema de competição.

Os concursos podem ser feitos por um prazo determinado, no fim do qual serão entregues os prémios aos primeiros classificados, ou podem desenvolver-se em sistema permanente, conferindo à patrulha que ocupa o primeiro lugar uma distinção especial, uma insígnia ou galhardete, privilégio que é concedido sòmente enquanto se mantém à frente da classificação, passando à patrulha vencedora logo que o lugar é perdido.

Em qualquer caso é conveniente mudar, de vez em quando, a estrutura dos Concursos para que se não tornem monótonos. O maior espírito de justiça deve presidir à classificação, e os escoteiros devem mesmo conhecer o critério que preside à concessão de pontos.

A classificação de trabalhos manuais, boas acções, iniciativas, actividades, etc., pode ser feita por um júri nomeado para o Concurso, ou preferìvelmente, pelo Conselho de Guias.

Caros camaradas: Cada um responde pelos seus próprios actos. Vamos a trabalhar com afinco nos nossos grupos e não deixemos, um só momento, de organizar e realizar interessantes concursos interpatrulhas, que entusiasmarão os nossos rapazes e darão vida e dinamismo às nossas unidades.

É o que vos aconselha o

LOBO VELHO

Exposição de Fotografias do "Jamboree,,

Não foi ainda possível estabelecer a data exacta em que se efectuará a Exposição de fotografias do «Jamboree», mas prosseguem activamente os trabalhos de organização.

A respectiva Comissão — que foi inicialmente constituída pelos Srs. Ernesto C. do Nascimento, Armando Lino, Capitolino Macedo e agora ampliada com a entrada dos Srs. Manuel P. Santana e Ferrer Monteiro — pede à todos os escoteiros e escutas que estiveram no «Jamboree» o favor de lhes cederem as suas produções. Já estão reunidas cerca de 200 fotografias, faltando ainda reunir muitas outras cujo empréstimo já foi oferecido, havendo ainda algumas dezenas de gravuras de imprensa e outras recordações.

A data da exposição será oportunamente anunciada na imprensa diária.

Algo mais sobre as patrulhas

(Continuação da 1.ª página)

Instrutor, no qual se estudam, principalmente, as peculiaridades do Sistema de Patrulhas.

E organizadas as patrulhas, respeitai a sua personalidade em todo o momento. Dentro do possível, todos os seus componentes lutam unidos nas competições, jogos e concursos, classificando-se sempre em conjunto e não individualmente, o que reforçará o seu espírito de equipa.

Em Espanha, onde o Sistema de Patrulhas havia alcançado um grau de aperfeiçoamento muito satisfatório, tínhamos uma meta que nos servia de estímulo para trabalhar, se possível, com mais entusiasmo: a obtenção do título de «Patrulha Phillipps». A posse deste apreciado título, para o qual todos os membros da patrulha tinham que ser escoteiros de 1.ª classe e possuir um determinado número de Insígnias de Capacidade, dava direito ao uso de um distintivo na bandeirola (uma cabeça de índio bordada), a sair sós em excursão, prévia aprovação de planos pelo Instrutor, e outras vantagens. Nada produzia mais satisfação a uma patrulha que ostentar tal título, e as «Patrulhas Phillipps» eram o orgulho do Grupo.

Ignoro se os meus irmãos portugueses têm adoptado este plano que tão bons resultados dava em Espanha. Em caso contrário, ofereço-lhes a iniciativa.

ENRIQUE GENOVÊS

Madrid, Outubro de 1947

Poeira do «Jamboree»

(Continuação da 1.ª página)

til «guide» francesa que nos servia sempre com a maior dedicação e boa-vontade. Foram inúmeras as vezes que, ao chegarmos, encontrávamos as mesas que ela tinha a seu cargo completamente cheias, mas a nossa benfeitora sempre resolvia a problema: mandava-nos para outra mesa onde nos ia servir ou pedia às pessoas que se mudassem para outro lugar! Prova de gentileza que não será fácil esquecer.

Retribuímos a sua delicadeza, visitando a Bretanha, sua terra natal.

* * *

Os escoteiros indianos, libaneses, escoceses e marroquinos eram solicitados a toda a hora para fotografias. A todos acolhiam com a mesma boa vontade. Tanto na estrada dos Carvalhos como na avenida das Nações, era vê-los a «posar» para mais um «clichê».

Nós, os portugueses, dizíamos, com inveja: «Só a nós ninguém quer tirar fotografias!» Porque não levámos connosco um saiote escocês?...

* * *

Quando deixámos o «Jamboree», ajoujados debaixo do peso assustador das malas, embrulhos e mochilas, apareceram-nos dois seniores franceses que, indiferentes aos nossos protestos, arrancaram-nos as malas mais pesadas das mãos e carregaram-nas até aos auto-carros. Naquela altura falava não só a boa hospitalidade francesa mas a divisa «Servir» que se vía no peito dos dois escoteiros franceses. É que, de facto o escoteiro é «sempre pronto», *pelo menos lá fora...*

Concurso de Figuras e Factos da História de Portugal

AVISO IMPORTANTE

Comunicamos que, em virtude dos atrasos que a publicação do nosso jornal sofreu nos últimos quatro números, foi resolvido que o prazo para a entrega de todos os cupões publicados seja contado a partir do presente número. Portanto, 60 dias após 20 de Outubro corrente.

Tendo sido publicados dois números duplos o Concurso terminará em Fevereiro de 1948 em vez de Dezembro do corrente ano.

No escotismo cada dirigente tem uma missão. Se não a pode — ou não quer — cumprir, deixe o posto que lhe confiaram. Cumprirá ainda assim o seu dever.

NELSON BORGES

CONVERSAR, DIZER E ESCREVER

FONOLOGIA

(Continuação do número 27)

Fonemas consoantes

CONSOANTES são os sons que, ao serem emitidos, exigem uma constrição do aparelho fonador.

Têm ainda outras subdivisões:

ORAIS, se os sons são emitidos só pela boca.

NASAIS, se os sons são emitidos pela boca e também pelo nariz.

OCLUSIVAS, se a corrente respiratória sofre uma intercepção completa na sua passagem.

CONSTRITIVAS, se a corrente respiratória só é interceptada parcialmente.

BILABIAIS, se são pronunciadas com o auxílio dos dois lábios.

LÁBIO-DENTAIS, se são pronunciadas com o auxílio dos lábios e dos dentes.

LÍNGUO-DENTAIS, se são pronunciadas com a ajuda da língua e dos dentes.

LÍNGUO-PALATAIS, se são pronunciadas com o auxílio da língua e de abóbada palatina.

As consoantes oclusivas chamam-se ainda EXPLOSIVAS, por serem pronunciadas num contacto rápido de órgãos de articulação; as constritivas chamam-se também CONTÍNUAS, por requererem um contacto mais demorado.

Outras classificações:

ÁSPEROS ou FORTES: são os fonemas consoantes que, para serem pronunciados, exigem uma forte pressão.

BRANDOS ou DOCES: são os que exigem uma pressão de menor intensidade.

Quadros de classificação de consoantes

Fonemas consoantes orais

Classes	Oclusivas	Constritivas
Bilabiais	fortes: *p* brandas: *b*	
Lábio-dentais		fortes: *f* brandas: *v*
Língua-dentais	fortes: *t* brandas: *d*	fortes: *s* (saia) *c* (cedo), *ç* brandas: *s* (casa), *z* (zelo), *r* (caro), *l*
Língua-palatais	fortes: *c* (casa), *q* brandas: *g* (gato)	fortes: *ch*, *x* (xícara), *r* (rua), *s* (castor), *z* (veloz) brandas: *g* (gelo), *j*, *lh*

Fonemas consoantes nasais

Classes	Oclusivas-brandas
Bilabiais	*m*
Língua-dentais	*n*
Língua-palatais	*nh*

Os dígrafos *ch*, *lh* e *nh* e as consoantes dobradas *rr* e *ss* equivalem de facto a uma só consoante, pelo que devem ser assim considerados.

Os grupos formados com uma consoante combinada com outra consoante contínua que, devido à sua brandura na pronúncia (*l*, *m*, *n* e *r*) que, por este motivo, se chamam LÍQUIDAS, também têm o valor de uma única consoante, por serem articuladas numa só emissão de voz.

OS NOSSOS CONTOS

«Uma velha»

Um polícia de uma grande cidade seguia muito atentamente uma velha. Viu-a, numa das pequenas ruas do parque onde brincavam crianças, abaixar-se sùbitamente, apanhar qualquer coisa do chão e guardá-la com muito cuidado num lenço que depois meteu numa algibeira.

O polícia pensou: «Encontrou com certeza alguma jóia ou dinheiro». E, disfarçadamente, seguiu a velha pelas ruas. Estava probremente vestida, mas o seu rosto era agradável se bem que já cheio de rugas. Era tão decrépita que evitava as pessoas a distância para não a empurrarem. Conquanto agradasse ao polícia, este começou a desconfiar dela desde que a viu esconder tão cuidadosamente o objecto achado.

Por fim a velha entrou para uma casa na estreita travessa onde morava. O polícia entrou logo atrás dela e seguiu-a para o pequeno quarto onde ela entrara. Assustou-se muito quando o polícia lhe disse com rudeza:

«Você, no parque, achou qualquer coisa que depois escondeu!»

«Não encontrei nada», respondeu.

«Não minta! Eu vi. Está aqui guardada na algibeira, no lenço!» e meteu grosseiramente a mão na algibeira tirando o lenço que começou a abrir com enorme zelo em cima da mesa.

A velha sorria.

O polícia abriu o lenço e admirado contemplava alguns bocados de vidro que nele se encontravam. Já afável e humilde, perguntou:

«Diga-me, faz favor, porque junta estes bocadinhos de vidro!»

«Faço isso por causa das crianças descalças que poderiam cortar os pèzinhos nos vidros; por isso os apanho para não ferirem as crianças.»

O polícia envergonhou-se, pediu desculpa à velha e saiu apressadamente.

Traduzido do Esperanto por *Faustino Leitão*.



Os escoteiros do Grupo n.º 84 do Entroncamento, Guia Luís Máximo de Oliveira (ao centro), Raul Manuel da Silva e António Ferreira da Silva, realizaram nos dias 13 a 15 de Setembro findo a sua 3.ª excursão ciclista Entroncamento-Lisboa-Estoril e volta, tendo tido a amabilidade de passar pela nossa Redacção e apresentar cumprimentos ao «Sempre Pronto». Agradecemos reconhecidos.

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Mudança de residência.—O nosso estimado amigo e assinante Sr. Rev. Nathanel Emmerich retirou-se da Figueira da Foz para fixar residência no Funchal, Madeira.

De viagem—O nosso ilustre assinante Sr. Comandante Henrique Tenreiro e sua esposa partiram para os Estados Unidos no avião da "Pan-Americana,, em 18 do corrente.

● O nosso estimado assinante Sr. Dr. Alfredo Tovar de Lemos, médico ilustre e antigo Comissário Nacional da A. E. P. encontra-se em Paris em missão oficial.

● O Sr. José Ilídio Freire, nosso prezado amigo e assinante, regressou recentemente de Cabo Verde, aonde foi em viagem missionária.

● O nosso assinante e irmão-escoteiro Sr. Eng.º Jorge Brotas Cardoso, Chefe do Grupo 16 de Carcavelos, que após o «Jamboree» fez uma viagem pela Itália, já regressou a Portugal.

Quem não sabe... pergunta

Um leitor escreve-nos a fazer uma pergunta, o que nos sugere a ideia de criar no nosso jornal um CONSULTÓRIO Escotista.

Mas um consultório necessita de um sábio, de lunetas e nariz comprido, talvez de *guarda-pó*, bonèzinho... e um montão de livros poeirentos. Para ocupar este *espinhoso* cargo estava naturalmente indicado o *sapiente* Dr. Corujão. A ele nos dirigimos e S. Ex.ª gentilmente se prontificou a ocupar o CONSULTÓRIO da nossa Redacção.

Portanto, a partir de hoje caro leitor, pergunte o que quiser sobre Escotismo. O *Dr. Corujão* responderá... se souber.

* * *

Pergunta— Pode-me informar se havia escoteiros italianos no «Jamboree».

Resposta—Havia sim senhor. É uma boa representação.

DR. CORUJÃO

Secção Charadista

Por JOSÉ SEQUEIRA

CHARADAS

Combinadas

1 + mola = óbulo
+ to = próximo
+ lo = parvo

conceito — inteligente

Minda—Lisboa

Sincopadas

2 Dentro do *vestuário do homem*, encontrei um *pedaço de louça*, 3-2

M. do Céu —Lisboa

Novíssima

3 Uma *nota musical*, com outra *nota musical*, dá uma *canção nacional*, 1-1

Jola—Lisboa

Maçada Geográfica

4 MEDIR O OURO

conceito — terra portuguesa

Ti-Bé —Lisboa

Soluções do número anterior

1—cajado. 2—Palmela. 3 —abano-ano. 4—Colares.

Aguardamos as decifrações

Ecos do «Jamboree»

GRUPO n.º 94

No passado dia 22 de Setembro o nosso Administrador Capitolino Ferreira Macedo apresentou na Igreja Evangélica Ajudense um relato da sua viagem a França e ao «Jamboree», que foi escutado com muito interesse.

GRUPO n.º 53

De igual forma, na terça-feira, dia 14 do corrente, o Chefe do Grupo 53 apresentou na Igreja Evangélica Lusitana de S. Paulo um pormenorizado relatório da sua viagem ao «Jamboree» que despertou vivo interesse na assistência, após o que usou da palavra o Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo que fez também comentários de apreço àquela grande reunião da juventude escotista.

O Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo referiu-se ainda ao Congresso Internacional de Educação Cristã que se efectuou em Inglaterra e no qual tomou parte como delegado de Portugal, tendo comunicado que o Escotismo foi apreciado naquele importante Congresso como um dos Movimentos que deve ser usado como instrumento de educação da juventude cristã.

O Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular e o «Jamboree»

Os delegados do «*Sempre Pronto*» ao «Jamboree» foram portadores de diversa literatura de propaganda turística de Portugal que ofereceram a jornalistas e a dirigentes escotistas presentes naquela grande reunião, nos quais despertou grande interesse pelas belas paisagens apresentadas.

A referida literatura foi oferecida para esse fim pelos Serviços de Turismo do S. N. de I. e C. P.

Da Póvoa de Santa Iria

Nos passados dias 27 e 28 de Setembro, realizaram os Grupos n.º 8 desta localidade, e n.º 94 de Lisboa, um acampamento de conjunto.

Os escoteiros do "94„ foram recebidos na estação de C. F. pelos Chefe e aspirantes do "8„, que mostraram bastante alegria em ter oportunidade de confraternizar mais uma vez com os escoteiros da Ajuda.

Percorridos os 3 quil. que distanciavam a Póvoa do local do acampamento, entoando canções e, sempre com entusiasmo, foi armado o campo.

No domingo realizaram-se vários jogos, instrução de homógrafo, e à tarde teve lugar uma pequena festa de campo, durante a qual o aspirante José Augusto Figueira do Grupo 94, prestou o Compromisso de Honra.

À tardinha, quando o Sol já se escondia, novamente os rapazes do "94„ e do «8», sempre em alegre confraternização, percorreram o caminho até à Póvoa.

E, com as despedidas fraternais, cá ficámos com a certeza de termos aprendido mais e mostrando que o "8„ continua a progredir.

FALCÃO REAL

IMPRENSA

Ecos de Belém

Este nosso prezado colega referiu-se ao reaparecimento do nosso jornal, após a breve suspensão de dois meses, com palavras amigas que muito agradecemos.

Diário do Minho

Também a Secção Escotista deste importante diário nortenho se referiu ao nosso reaparecimento com palavras de simpatia, que igualmente agradecemos.

N.º 1 Outubro de 1947

O Mistério da Ilha Deserta

Folhetim do «Sempre Pronto» Por R K. E.

PRIMAVERA

A primavera tinha finalmente chegado depois dum inverno prolongado e muito chuvoso. Por toda a parte a vegetação envolvia a terra num manto verde, numa manifestação vibrante de vida, mistério profundo duma ressurreição que anualmente se repete.

Ainda há pouco a terra se encontrava morta e já hoje, onde ontem imperava o castanho e o cinzento, surge verdura, muita verdura, desde a ervinha anã, rasteirinha e humilde, até ao cardo altivo e agressivo. As papoilas, os malmequeres e outras modestas florinhas, se aqui salpicam o verde de vermelho e amarelo, além estendem sobre ele garridos tapetes, num conjunto harmonioso e belo, ao mesmo tempo que perfumam a atmosfera dum odor raro e delicioso.

As longas chuvadas deixaram improvisadas lagoas, cujas águas se escoam serpenteando pelas pedras num mavioso sussurro que, de mistura com o chilreio dos passarinhos que ali vêm matar a sede, parecem erguer hinos de acção de graças ao Criador pela dádiva abundante da vida e pela beleza deste conjunto onde não falta nem cor, nem perfume, nem música.

Na caverna da família «Tigre»

A Patrulha Tigre estava reunida no seu canto na sede dos escoteiros, uma sala rectangular em cujas paredes, por entre típicas decorações, se vêem peles de cobras, chifres de alce, quadros com colecções de insectos, de plantas, de minerais, trofeus, fotografias, num misto de museu e sala de armas.

O canto da patrulha é um dos ângulos da sala. Num dos lados uma cabeça de tigre em silhueta, no outro uma fotografia dos componentes da Patrulha. Um armário com material de acampamento, por cima muitos e interessantes trabalhos manuais, onde a arte e o bom gosto imperam.

Os rapazes estão sentados em círculo. O Guia orienta os trabalhos. No momento em que entramos, fala um deles. Escutemos o que diz:

— Guia! Parece-me que é altura de fazermos um acampamento. Os campos estão lindos, cobertos de vegetação e flores. O tempo está bom e até faz pena que estejamos a perder a oportunidade de apreciar e gozar as maravilhas que Deus criou para nós. Proponho que se faça um acampamento!

Ao que outro escoteiro imediatamente responde:

— Se me dás licença eu amplio a tua proposta. Realmente os campos estão belos e, portanto, proponho que aproveitemos as férias da Páscoa e façamos um acampamento duma semana. Vamos no próximo sábado e regressamos no seguinte, a fim de passar o Domingo de Páscoa com a família.

— Óptimo,—replicam todos, e logo o Guia conclui:

—Então, aprovado por unanimidade, podemos passar a escolher o local do acampamento.

—Guia! Se fôssemos para o pinhal da Serra?—diz o Rui, enquanto o Luís propõe a Mata da Praia. Mas a ideia que a todos entusiasma é a do Sub-guia, o Raul, que diz entusiasmado:

—Se pedíssemos o barco ao Chefe e fôssemos acampar na Ilha Deserta? Aí é que é bom! Bela água, aquele pinhal que tem pontos que são autêntica mata virgem, temos a praia; parece que deve agradar a todos e para uma semana merece a pena.

—Concordo,—disse o Luís.

—Eu também,—afirma o Manuel.

—Eu acho óptimo,—acrescentou o Pedro, o homem da iniciativa do acampamento.

—Very good,—diz o Rui a rir, procurando evidenciar os seus fracos conhecimentos de inglês.

—Mereces um abraço—afirma o Júlio—por tão feliz ideia!

—Acho muito bem—diz o Carlos, o mais novo elemento da patrulha.

O Guia, satisfeito com a unanimidade conseguida entre todos, afirma:—Está bem, se todos estamos de acordo iremos para a Ilha Deserta, Vou falar com o Chefe, pedir-lhe a respectiva autorização para o acampamento e para utilizar o barco. Entretanto, cada um trata de dar cumprimento ao serviço que está a seu cargo de forma a que na sexta-feira, quando aqui nos reunirmos, esteja tudo a postos. No entanto, sempre recordo ao Pedro a necessidade de vistoriar bem o barco porque talvez precise de qualquer pequena reparação. O Carlos ajudar-te-á nesse serviço.

CONTINUA

O CONCURSO DE 1947

SUPLEMENTO AO «SEMPRE PRONTO»

Redacção e Administração: Trav. de Vitorino de Freitas n.º 9—Ajuda

LISBOA

FIGURAS E FACTOS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

O *«Sempre Pronto»* oferece aos seus leitores um interessante Concurso, pelo qual se fará uma rápida digressão pela História Pátria. Não deixe, pois, de concorrer, habilitando-se aos prémios valiosos que serão sorteados entre todos os concorrentes que tenham acertado com todas as soluções.

Para concorrer basta responder às perguntas feitas em cada número utilizando o verbete inserto neste suplemento, que deve ser enviado à Redacção dentro de 60 dias após a publicação.

Os concorrentes podem indicar o número do Grupo da sua simpatia ou a que pertençam, que ficará assim habilitado aos prémios colectivos que serão atribuídos àqueles que tiverem maior número de concorrentes e pelo menos 10.

O Concurso termina no fim da ano corrente.

PRÉMIOS

COLECTIVOS

1.º PRÉMIO—CASA «STADIUM»

1 bola de voleibol oferta da reputada Casa «Stadium» fornecedora de todos os artigos para Desportos. Rua da Madalena, 182-A.—Lisboa.

2.º PRÉMIO—«SPRIL»

1 jogo Monopólio, oferecido pela reputada Casa «SPRIL» da Rua do Loreto, 34, 2.º, em Lisboa, fornecedora de todos os artigos desportivos e de jogos.

3.º PRÉMIO—«CASA DO DESPORTO»

1 raqueta e 6 bolas para ténis de mesa. Oferta do estabelecimento da Rua da Madalena, n.º 196, em Lisboa, fornecedora de artigos para Desporto.

4.º PRÉMIO «CASA SENA»

1 balde de lona para água oferecido pela conhecida casa de artigos desportivos e de campismo «Sena». Rua Nova do Almada, 48 a 52—Lisboa.

5.º PRÉMIO—Um exemplar da obra «Guia do Escoteiro» de Velho Lobo, oferta do nosso amigo e antigo escoteiro Sr. Fernando Pesca.

INDIVIDUAIS

Prémio "VIEIRA CAMPOS„



Um óptimo saco alpino com armação, fabrico esmerado da importante casa de artigos de campismo «Vieira Campos» Rua da Prata, 215 e 217, em Lisboa.

PRÉMIO «CASA PEYROTEO»

Uma linda estatueta de bronze, com base de mármore, de um cavaleiro lançando o dardo. Oferta da conceituada casa de artigos para Desporto e jogos «Peyroteo», Rua Nova do Almada, n.º 51—Lisboa.

2 PRÉMIOS «ANTERO LOPES, L.DA»

2 facas de mato suecas, oferta da Casa Antero Lopes, L.da, fornecedora conceituada de artigos para caça e campo, Rua de Eugénio dos Santos, n.º 31, em Lisboa.

PRÉMIO «VITORINO DE SOUSA»

1 cantil de esmalte, oferecido pelo estabelecimento de correeiro e artigos para campismo, da Rua dos Correeiros, n.º 200 e 202, em Lisboa.

PRÉMIO «PAPELARIA DA MODA»

Uma faca para cortar papel e um marcador para livros, com artística gravação, oferta da importante Papelaria da Moda—Rua Áurea, 169—Lisboa.

PRÉMIOS «EDITORIAL MINERVA»

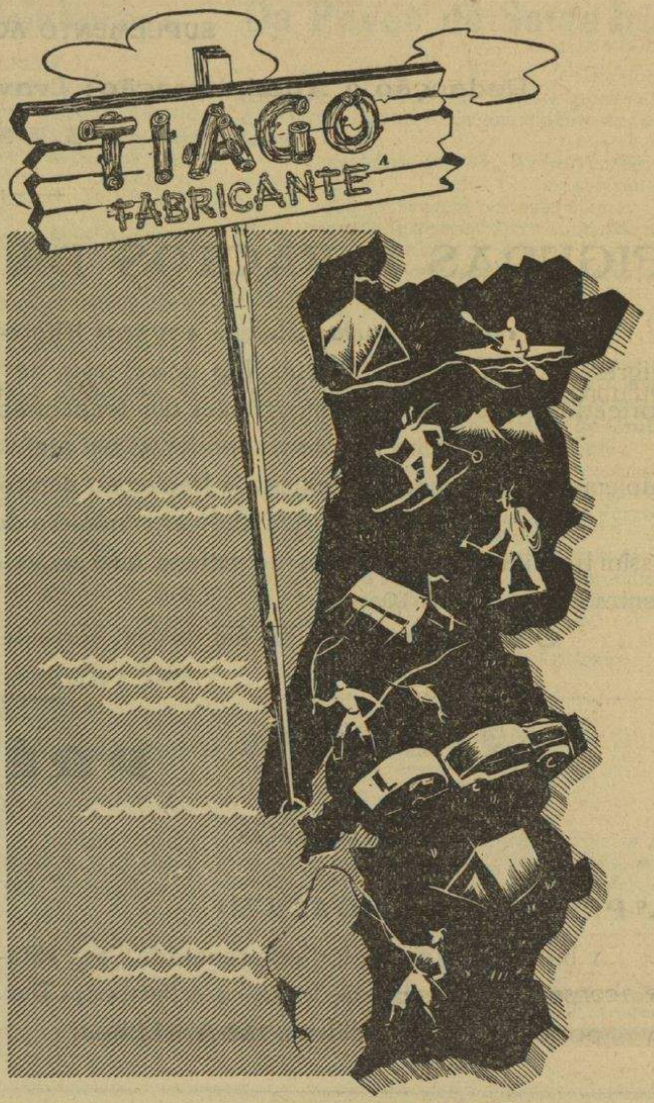
Cinco exemplares da obra «Guia do Campista», de Chaves Mendes. O mais completo manual de campismo publicado em Portugal. Rua de Luz Soriano, 33—Lisboa.

PRÉMIO «BERTRAND»

A obra de Júlio Dinis «Uma Família Inglesa», em dois volumes ilustrados, oferta da Livraria Bertrand, da Rua de Garrett, 74—Lisboa.

PRÉMIO «PIMENTEL & CASQUILHO, L.da»

1 bússola de bolso, oferta desta conceituada casa. Rua de Eugénio dos Santos, 75—Lisboa.



RUA DO BENFORMOSO, 37
LISBOA TELEF. 3 1318

Á venda na nossa Redacção

Estatutos da Associação dos Escoteiros de Portugal

Em papel especial, 8 páginas, ao preço de, cada exemplar, Esc. 1$00.

O Escotismo e a Formação Cívica

De Charley del Marmol

Um opúsculo de 12 páginas, prefaciado pelo Tradutor.

1 exemplar	Esc.	1$00
1 dúzia....	»	10$00
1 cento....	»	60$00

Estampa com a fotografia de Baden-Powell 1$00

Pedidos à Redacção

CONCURSO DE 1947

Figuras e Factos da História de Portugal

Reposta ao episódio N.º.....

a).....

.....

.....

b).....

.....

.....

Nome do concorrente.....

.....

Morada .....

.....

Localidade .....

Grupo n.º .....

Assinatura

.....

Recorte, preencha e remeta à Redacção do «Sempre Pronto».

SECÇÃO TÉCNICA

O Campismo e o Inverno

Chegou o Outono. Em breve estaremos no Inverno e muitos escoteiros convencem-se que acabou a época da vida ao ar livre. Mas não! Em 30 de Setembro terminou apenas um *ano escotista* e em 1 de Outubro iniciou-se outro. Haverá, talvez, necessidade de modificar o género da vida de campo, porém, cometerá um grande erro o Grupo que julgar que não deve mais pensar em sair da sede até que chegue de novo o Verão.

Baden-Powell afirma constantemente nos seus conselhos que o Escotismo se faz no campo. E não há qualquer razão para interromper esta actividade, porquanto, o Outono e o Inverno oferecem-nos dias esplêndidos para actividades ao ar livre, especialmente para jogos e exercícios de movimento, que no verão só se podem efectuar nas horas de menor calor.

É certo que os acampamentos de Inverno não devem ser permitidos aos escoteiros juniores, em virtude do perigo da humidade e só são de aconselhar aos seniores desde que disponham de equipamento individual e colectivo adequado a campismo de inverno.

Todavia, ficam-nos muitas actividades de ar livre como *raids*, excursões, jogos interpatrulhas e bivaques. Sair de manhã cedo de casa, quando a cidade ainda dorme, e ir para o campo tonificar os pulmões, é de aconselhar a jovens e adultos, a escoteiros e não-escoteiros.

Se faz frio, um pouco de movimento é suficiente para que o não sintamos.

Só a chuva é desagradável. Para a evitar o escoteiro deve ter umas noções elementares de previsão do tempo. São as nuvens que nos orientam nesta matéria. Vamos, portanto, conhecê-las:

CIRROS — São nuvens com a aparência de fios esbranquiçados, ou mesmo algodão esfarrapado, cuja brancura contrasta com o azul do céu. Os cirros são prenúncio de ventos fortes.

CÚMULOS—São nuvens densas com a parte inferior plana e a superior arredondada, com o aspecto de enormes massas de algodão. Quando aparecem combinadas com *nimbos* são de recear as chuvas e trovoadas.

ESTRATOS—São nuvens com o aspecto de faixas compridas, com os bordos mal definidos, muito baixas, e que nos dão os nevoeiros matinais. Dissipam-se com o calor de que são prenúncio.

NIMBOS—São nuvens muito escuras, de bordos rasgados, bastante densas. Estas nuvens desfazem-se quase sempre em chuva, mais ou menos abundante conforme o seu número e densidade.

As nuvens nem sempre se apresentam com aspectos distintos. Podemos, portanto, encontrar *nimbos-cúmulos, cirros-nimbos, cúmulos-cirros*, etc.

* * *

A observação dos animais também pode constituir um bom auxílio para a previsão do tempo. É sinal de chuva: *se os sapos coaxam, se as galinhas cantam antes do pôr do sol, se os peixes nadam à superfície, se as abelhas não saem das colmeias ou afastam-se pouco*, mas sobre o assunto, a *sabedoria popular* construiu interessantes adágios. Assim:

Aranhas por fora, não tarda a chuva uma hora.
Gato doido, chuva de moio.
Formiga aguçosa, chuva à porta.
Se as vacas cheiram o chão, não saias do teu fogão.
Tarda a pomba a recolher, está Deus para chover.

Mas os adágios populares são ricos em conceitos sobre previsões de tempo. Eis alguns exemplos:

Madrugar maleitoso, dia tormentoso.
Manhã ruiva, ou vento ou chuva; ou vermelha alvorada, vem mal encarada.
Lua à tardinha, com anel, dá chuva à noite ou vento a granel.
Sol com anéis, água a tonéis.
Nuvens paradas, aos pares, cor de cobre, põe-te em guarda e toma tento.
Sol aceso ao deitar, e malhas negras no ar, é chover e ventar.
Calma em tempo de frio traz molhado.
Calor em tempo frio, chuva por castigo.
Alto mar e não de vento, não promete seguro tempo.
Se vem chuva e depois vento, põe-te em guarda, e toma tento.
Emperrou a chave, guardar da humidade.
Geada sobre lama água demanda.
Pelas nuvens ventou, chuva não tardou.

Outrora, nos tempos em que os escoteiros portugueses cantavam, era muito conhecida a canção do *Kaidi* e, em vez de versos, quase sempre deselegantes e grosseiros, que agora se usam, cantava-se:

Do Sachen, o Pele-Vermelha,
Temos a ciência velha,
que nos ensina a avaliar,
o tempo antes de marchar

O «*Sempre Pronto*» publicará em breve todos os versos desta interessante canção. Vamos aprender a cantá-la e aprender as normas de previsão do tempo que ela encerra. Depois, **vamos para o campo** de verão e de inverno! mas vamos para o campo principalmente nos belos dias secos de inverno, os melhores para os jogos e exercícios escotistas. É em contacto com a natureza que se fazem os escoteiros!

J. CRESPO

A Cozinha do Acampamento

(Continuação dos n.os 25 e 26)

A Fogueira

d) *Modelos de fogueiras*

6—*Militar:* esta fogueira é especialmente útil para grandes acampamentos, quando seja necessário utilizar grande número de recipientes, os quais são dispostos apoiados sobre as bordas de uma vala, cavada no chão, com as seguintes dimensões: 1 m. de comprimento, 40 cm. de largura e 25 cm. de profundidade. A direcção da trincheira deve ser igual à seguida pelo vento. A pirâmide constrói-se a meio da vala.

Deve-se evitar dispor as achas paralelas, mas sempre cruzadas e, se por acaso a tiragem não for razoável, pode-se fazer uma grelha improvisada com a lenha, e fazer o fogo no exterior da vala, esperando que ela desabe, depois de consumida.

Este tipo de fogueira conserva todas as cinzas. Porém, exige lenha comprida e grossa e, em virtude das fumigações constantes, apresenta grandes dificuldades na condução. Também, se se verificar uma mudança brusca na direcção do vento, a fogueira perde o seu valor. Para obviar este inconveniente, pode fazer-se nova vala, na direcção tomada pelo vento.

7—*Fogão improvisado:* o «Guia do Escoteiro Brasileiro» ensina-nos um modelo de fogueira usado pelos pescadores do norte do Brasil, muito útil, devido à protecção que oferece contra ventos fortes: Abre-se uma lata de queroseno (ou gasolina) numa das faces e em cima. Enche-se o fundo de terra e sobre ela acende-se o fogo. Uns buracos no lado oposto, servem para regular a tiragem.

Este modelo tem o inconveniente de nem sempre se poder dispor de uma lata de gasolina vazia.

8 — *Apoiada:* arranja-se uma acha comprida e bastante grossa. Deita-se no chão. Apoiado nesta acha é que se faz a pirâmide. As marmitas são depois suspensas sobre este fogo. Tem a desvantagem de necessitar de uma acha grossa, o que nem sempre é fácil de encontrar, mas é de uma construção simples e rápida.

(Continua)

Primeiros socorros

Prosseguindo na transcrição de "El Scout Argentino", o interessante órgão do Escotismo da Argentina, das normas sobre os primeiros socorros, iniciamos hoje a publicação de algumas noções gerais sobre o córpo humano, indispensáveis para bem poder actuar em caso de acidente.

Chamamos a atenção de todos os escoteiros para estas noções, que constituem matéria de provas de classe e insígnias de aptidão.

(Continuação do n.º 27)

Corpo humano

Para estar em condições de prestar os primeiros socorros de uma maneira inteligente, é necessário ter alguns conhecimentos sobre o corpo humano e suas funções.

O corpo humano compreende: 1.º O esqueleto. 2.º Os músculos. 3.º O sistema nervoso. 4.º Órgãos de circulação. 5.º Órgãos da respiração. 6.º Órgãos digestivos. 7.º Órgãos excretores.

O esqueleto — É formado pelos ossos, alguns largos, outros curtos e irregulares, unidos entre si por junções que formam as articulações. Neles se inserem os músculos que movem as diferentes parte do corpo.

Os osssos formam a armação do corpo e protegem os órgãos importantes alojados nas cavidades por eles formadas: crâneo, tórax, etc.

Cabeça — Divide-se em crânio e face. Os ossos do crânio são: um *frontal* (em frente, formando a testa), dois *temporais* (aos lados), dois *parietais* (aos lados), o *occipital* (atrás na nuca), com o *buraco occipital* na parte inferior. Por baixo a caixa craniana é fechada por dois ossos, com um *esfenóide* e um *etmóide*, que se escondem no interior da cabeça, excepto uma parte do esfenóide. Os ossos da face são: dois *malares* (que formam as maçãs do rosto), dois *palatinos*, dois *maxilares* superiores (que unidos formam a respectiva maxila), e um maxilar inferior.

Os ossos encontram-se unidos por suturas denteadas (fixas), à excepção do maxilar inferior, que é móvel.

Coluna vertebral — Formada por *vértebras*, sete *cervicais*, doze *dorsais*, unidas cada uma a um par de costelas, cinco *lombares;* constituindo o eixo do esqueleto e encerrando a *medula espinhal.*

Pélvis — Formada pelo *sacro*, o *cóccix* e pelos dois *ilíacos*, circunscrevendo a cavidade pelviana, na qual se encontram alojados órgãos importantes: a bexiga, parte inferior do intestino, artérias, veias, etc.

Tórax — É uma ampla cavidade formado por 24 costelas, unidas atrás às 12 vértebras dorsais e adiante ao osso *externo.*

As costelas formam as paredes do tórax; 14 são verdadeiras e 10 falsas, conforme estão unidas directamente ao externo, por meio de suas cartilagens. O tórax protege o coração os pulmões e veias importantes.

A clavícula — Une as omóplatas ao externo.

As omóplatas — Formam com a clavícula as *espáduas*, são planas e de forma triangular, descansam atrás sobre as costelas e formam com o úmero a articulação do ombro.

(Continua)

Sinalização a grande distância

(Continuação do n.º 26)

2) — Organização de um posto

Logo que o teu posto esteja construído, deve-se proceder à distribuição dos cargos:

O *chefe de posto*, o único a comandar e a quem todos obedecem sem réplica e ràpidamente; é ele quem dirige emissões e recepções.

Dois *manipuladores* que transmitem, sem comentar, as mensagens que lhes dita o secretário.

Dois *observadores* que se não devem em caso algum distrair e que, sem cessar, devem ter os olhos fixos no posto em correspondência, tanto nas emissões como nas recepções, e que, evitando falar demasiado forte, ditam ao secretário o que observam.

Um *secretário* que escreve muito legível as mensagens recebidas ou enviadas, os incidentes de transmissão... Dita os telegramas aos manipuladores.

«*Se a palavra é de prata o silêncio é de ouro*», diz o provérbio — assim é preciso que seja na realidade — o que é indispenásvel respeitar, tanto quando é o vosso posto que emite como quando ele é o que recebe. Se algum fala quando lhe apetece, **NUNCA** conseguirão coisa alguma.

Sòmente — e isto quando for estritamente indispensável — podem tomar a palavra:

O chefe do posto;
Os dois observadores;
O secretário.

As ordens devem ser dadas **com antecedência**, a fim de que cada um possa desempenhar perfeitamente a tarefa que lhe está confiada, sem pedir explicações durante o trabalho.

A regularidade é absolutamente **essencial** para este género de emissões. Para isso os manipuladores contam — bastante devagar — até 3, para um ponto; até 6, para traço; até 3, entre as letras e até 12, entre cada palavra.

Depressa, irmão-escoteiro, não percas tempo. Sabes o alfabeto morse e os sinais de serviço de cor? Muito bem! mas então é necessário que te sirvas deles. Põe-te *já* a sinalizar **de verdade**.

Experimenta bater os teus próprios «records» de distância e os dos teus amigos! Convida outras patrulhas! Organiza concursos intergrupos.

De todos os cantos de Portugal enviai mensagens cada vez mais longe!

Indica-nos os resultados que tens alcançado.

Se tens objecções a fazer ou processos capazes de melhorar a «técnica» da *sinalização a grande distância*, não os guardes para ti, faz com que os teus irmãos aproveitem deles, escreve-nos ràpidamente, nós te aconselharemos e aceitaremos as tuas boas ideias.

Esperamos, pois, as tuas cartas, não é verdade?

F. Baradez

Insígnias de capacidade

Jardineiro

Para escoteiros com menos de 15 anos.

Insígnia: Uma flor.

1. Cultivar um pedaço de terreno não menos do que 144 pés quadrados, estabelecer um plano, plantar e cultivar sucessivamente seis espécies de hortaliças e flores de sementes e estacas.

2. Conhecer os nomes de 12 plantas indicadas num jardim vulgar.

3. Discutir com o Examinador o diferente tratamento para bolbos, plantas anuais, bienais e perpétuas, e o plano de cores num canteiro ou cercadura.

4. Conhecer como fazer um aglomerado composto e saber os princípios de adubação, tanto natural como artificial.

Horticultor

Para escoteiros com mais de 15 anos.

Insígnia: Um agricultor.

1. Nomear 12 de cada do seguinte, indicado num parque ou jardim: Árvores, arbustos, herbáceas perenes, herbácias anuais, plantas das montanhas.

2. Preparar e discutir com o Examinador um plano para traçar uma cercadura de herbáceas com particular referência para continuação de flores, fazer esquemas de cores e comparar alturas.

3. Dar uma sequência de flores para um canteiro ornamental, assegurando a floração de Abril a Setembro; ou dar um plano para uma colheita de hortaliças para um ano.

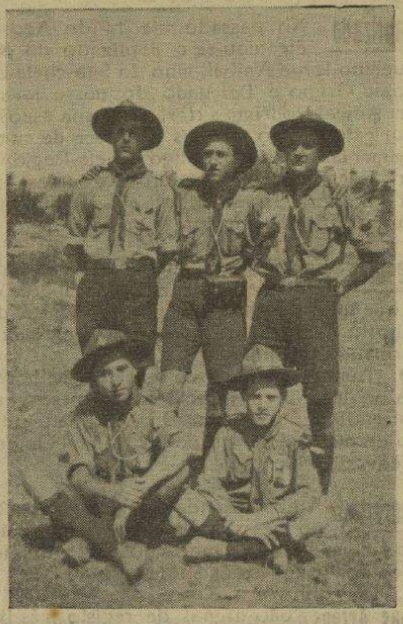
4. Mostrar um arbusto ou árvore po-

O 53 no Algarve

No dia 29 de Agosto p. p. partiram para o Algarve em gozo de férias, três escoteiros deste Grupo. Chegaram a Olhão no dia seguinte de manhã e qual não foi o seu espanto quando viram que na gare os aguardavam alguns dirigentes do Grupo da D. A. F. local, que lhes apresentaram as boas vindas e prestaram todos os esclarecimentos desejados.

Fora da estação encontrava-se o Seis e a D. A. F. no máximo efectivo, recebendo-os duma maneira bem escotista e acompanhando-os até à sua Sede onde lhes foi servido o pequeno almoço.

Estiveram acampados dois dias e não mais descansaram, pois o acolhimento dis-



pensado por aqueles leais camaradas foi a tal ponto, que os levaram a visitar todos os cantos do Algarve onde existem escoteiros. Afirmam-nos os visitantes que: «Foram de facto, duma dedicação que jamais podem retribuir, especialmente aos bons camaradas Militão e Mira, a quem o 53 fica muito reconhecido».

Os rapazes regressaram no dia 8 com o coração cheio de alegria por terem convivido uma semana com ESCOTEIROS e satisfeitos pelo puro método de B. P. praticado naquela província, onde muito aprenderam.

• • O • •

Exposição de fotografias escotistas

O Grupo n.º 5, a fim de facilitar a colaboração de todos os grupos, resolveu permitir que sejam incluídas nas fotografias a expor no certame que está organizando, produções respeitantes ao ano transacto.

Conforme já anunciámos o prazo para o envio das fotografias termina no próximo dia 3 de Novembro.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

dada pelo próprio e discutir os princípios e fins da poda e enxerto.

5. Estar habilitado a dar informação e justificar a escolha das melhores variedades para a sua vizinhança do seguinte: macieiras, pereiras, ameixeiras, framboezeiros, morangueiros, groselheiras e roseiras.

6. Saber a importância do controle de pestes e doenças. Conhecer como limpar os ramos, usando a pulverização e aplicando pomadas, etc.

7. Conhecer como tratar e cuidar do terreno do seu próprio jardim.

Concurso das figuras e factos da História de Portugal

VI

Sabia-se que em Portugal se estava a organizar uma poderosa expedição. No entanto, era desconhecido qual o seu objectivo. Este estado de coisas punha em sobressalto os reinos vizinhos, cada um a julgar-se visado pela ameaça.

A corte portuguesa foi então visitada por embaixadores de Castela, Aragão e Granada a certificarem-se das intenções do monarca português quanto aos seus reinos.

A resposta apaziguadora do rei de Portugal não chegou para sossegá-los. É que era enorme a azáfama nos estaleiros portugueses e por toda a parte eram chamados às fileiras todos os homens disponíveis. Ao mesmo tempo, nos países do norte, adquiriam-se numerosos galeões.

O rei português, a fim de esconder melhor os seus desígnios, não só para atacar de surpresa o objectivo previsto, como também para afastar dele a cobiça já manifestada por outros reinos vizinhos, simulou um desentendimento com os Holandeses, para o que se aproveitou do facto de corsários deste país andarem a atacar navios portugueses nas nossas costas. Neste sentido, foi enviado à Holanda um embaixador a pedir reparações pelos prejuízos sofridos pela nossa marinhagem, mas que, ao mesmo tempo, tranquilizaria a corte holandesa, dando-lhe a conhecer os efeitos que se pretendiam tirar desta atitude.

Esta diligência não poderia ter sido melhor sucedida, pois a regente da Holanda recebeu da maneira mais afável o nosso embaixador e prontificou-se logo a anuir aos desejos do rei português de desviar as atenções dos nossos adversários do objectivo da expedição e, devido à sua maneira inteligente de agir, o conluio foi coroado do maior êxito.

Tudo se encaminhava para que aquela empresa viesse ilustrar as páginas da nossa História, como um dos acontecimentos de maior brilho e valor e de grande projecção mundial, pois foi ali que os Portugueses se exercitaram, para mais tarde levarem a cabo a conquista da Índia.

Nenhum augúrio podia sair mais certo: Com tal bravura se houveram os infantes portugueses na luta contra a moirama, que o rei *de boa memória* os armou cavaleiros, depois da cidade ter caído em poder das tropas lusas.

a) *Que episódio da nossa História se conta acima?*

b) *Como se chamava o emissário português que foi à Holanda?*

(Para responder, preencher o cupão que se encontra no suplemento junto).

CAMPISMO

Da Federação Portuguesa de Campismo recebemos um ofício fazendo esclarecimentos a uma local que nesta Secção publicámos no último número.

Agradecemos as referências nele feitas ao Escotismo e ao nosso jornal e, como temos sempre o maior empenho em que seja bem esclarecido tudo o que no «*Sempre Pronto*» se publica, inserimos o ofício na íntegra, deixando ao nosso Redactor-campista oportunidade de justificar as afirmações de que se fez eco no número passado.

Tem a palavra a Federação:

Sr. Director do Jornal »Sempre Pronto»

Lemos o número duplo de Agosto e Setembro do vosso «Sempre Pronto», *jornal que não dispensamos de consultar pela atenção que nos merece o movimento escotista, com tantos pontos de contacto com o nosso movimento e onde os campistas tantos amigos contam.*

Nele encontrámos desta vez uma secção "Campismo" onde se fazem afirmações sobre a forma como decorre a reorganização do movimento campista que estão muito longe de ser verdadeiras e merecem, portanto rectificação.

A actual Comissão Administrativa desta Federação que conquistou a simpatia e confiança da quase totalidade dos verdadeiros campistas não impõe quaisquer "exigências incompatíveis e inúteis" aos campistas que desejem organizar-se. A comprová-lo está o facto de registar até Agosto a filiação de 32 colectividades campistas, conforme Comunicado n.º 2 publicado no jornal «Campismo» *de que juntamos 1 exemplar. Este número já foi ultrapassado.*

A referência do articulista ao "acentuado desinteresse pelo progresso da modalidade» é também desmentida pelas recentes realizações dos Acampamentos Regionais das Caldas da Rainha, Beira Litoral e Almada, que constituiram grandiosos manifestações de camaradagem entre os campistas de norte a sul de Portugal e onde se produziram afirmações de confiança na nossa futura organização, de que nos limitamos a lançar as bases.

De todo este "desinteresse" se tem feito eco a imprensa e ainda das múltiplas deslocações de equipas e circuitos de férias, além de que muitos jornais têm dedicado a sua atenção ao nosso movimento com artigos das suas Redacções.

A pessoa que subscreve essa secção acaba mesmo por contradizer-se quando pergunta se sempre se realiza o Congresso. Congresso de quê, se os núcleos desapareceram e não há quem se interesse pela modalidade?

Claro que todos os campistas sabem que o Congresso se realizará quando eles próprios entenderem que é chegada a sua oportunidade, por estarem todos de posse de opiniões esclarecidas acerca do rumo a dar ao nosso movimento.

Muito agradecemos a V., Sr. Director, uma referência a estes nossos esclarecimentos, evitando assim que seja iludida a boa-fé dos muitos leitores do seu interessante jornal, que nele depositam merecida confiança.

Queira aceitar os nossos respeitosos cumprimentos.

Lisboa, 4 de Outubro de 1947.

Pela Federação Portuguesa de Campismo

a) CARLOS MENDONÇA PIRES

Uma actividade interessante do Grupo n.º 6

Na reunião de sexta-feira, dia 25 de Julho, o Chefe apresentou aos Guias um bilhete assinada pelo «Monge da capa cinzenta» no qual o mesmo dizia que, «sentindo-se velho e prestes a morrer, via-se rodeado de bandidos que ambicionavam apoderar-se de um mapa que indicava o local onde se encontrava escondido um tesouro amealhado por ele durante a sua vida».

«Como simpatizava com os escoteiros, preferia que fossem eles os futuros possuidores do mesmo». Assim, dava-nos algumas indicações, tais como: ele, o «Monge da capa cinzenta», encontrava-se numa casa em ruínas situada à entrada duma floresta e nós devíamos estar no domingo próximo, às 8 horas da manhã, junto da casa X, próximo de Pechão. A cem metros dessa casa, dois caminhos cortavam a estrada que devíamos seguir. Devíamos tomar o que seguia para SW e procurar instruções logo no princípio da mesma.

É claro que os supostos «bandidos» não eram senão os componentes da Patrulha «ANDORINHA» que seguiram para o campo no sábado à noite.

Assim, no domingo pela manhã, ainda a vila dormia, já nos metíamos a caminho e às 8 horas prefixas chegávamos ao sítio indicado. Aí procurámos e encontrámos escondida no tronco de uma árvore uma planta do caminho a seguir até àquele que conduzia à casa arruinada.

Calculámos que a partir do último caminho é que passaríamos a ser atacados e assim, uma vez próximos, os Guias espalharam os seus escoteiros de forma que não ficava moita, muro ou árvore que não fossem devidamente rebuscados. Tanto «bandidos» como escoteiros usaram uns projécteis que consistiam numa pequena pedra forrada de papel de forma que não magoasse e todo aquele que fosse tocado, lealmente se devia considerar fora do jogo, pelo que passava a caminhar a cinquenta metros atrás e com a vara ao ombro.

Assim, sucessivamente fomos liquidando alguns «bandidos» que íamos descobrindo e estávamos com tão boa pontaria que não sofríamos perdas.

A certa altura, surgiu-nos num monte próximo um transmissor de homógrafo a indicar-nos o mesmo caminho SE, no fim do qual devíamos descansar e esperar instruções.

Pouco depois recebemos uma mensagem em morse por apito, dizendo-nos para seguirmos o mesmo caminho até encontrarmos a casa arruinada, a qual pouco depois era avistada.

Aí fizemos um cerco em forma, mas a respeito de mais «bandidos», nada.

Encontrámos o «Monge» morto. Procurámos e descobrimos um bocado do mapa no topo de uma das paredes, outro bocado na mão do Monge, mas faltava ainda outro bocado que era importante, pois esse é que devia ter um ponto de referência para nos levar à descoberta do tesouro. Procurámos melhor e apenas encontrámos um papel escrito pelo Monge antes de «morrer», no qual dizia que os «bandidos» tinham levado o bocado do mapa e tinham fugido na direcção W, à nossa aproximação.

Imediatamente encetámos a perseguição e pouco depois, em pleno pinhal, fomos surpreendidos por mais três «bandidos». Houve combate renhido e pusemos todos três fora de acção, embora também sofrêssemos perdas. Porém, nenhum deles tinha o bocado do mapa. Entretanto era descoberto o quarto «bandido» e travou-se renhida batalha de projécteis, sem resultado, até que, reconhecendo a desigualdade de circunstâncias, o mesmo optou pela fuga, tendo três nossos elementos iniciado a perseguição que teve fases emocionantes. Fez-se uma emboscada, dois foram desalojá-lo e o terceiro filou-o quando ia recomeçar na fuga.

Após aturadas pesquizas, descobrimos o precioso bocado do mapa entre a sola da sua bota. Daí em diante, o resto foi fácil.

O ponto de referência era um túmulo que há em pleno pinhal, encimado por uma cruz de pedra. Junto dele tirámos três direcções, marcadas pela bússola e medidas a passo dos escoteiros e numa linha tirada às extremidades dessas direcções não foi difícil notarmos a terra com características de ter sido mexida e com arames de árvores a disfarçar. Cavámos com as mãos e o tesouro que encontrámos foram umas bolachas que dividimos por todos e mais outras coisas estranhas...

FALCÃO RISONHO

A obra em Paris da Associação Cristã da Mocidade

Os delegados do «*Sempre Pronto*» ao «Jamboree» estiveram uma semana hospedados em Paris na *Association Chrétienne de Jeunes Gens*, na Rua Trévise, instalada num edifício de 4 andares, com dois corpos. No primeiro encontra-se instalado uma óptima sala de festas e conferências, um grande ginásio, piscina, biblioteca, bar, gabinetes de estudo, sala de distracções, cozinha e duas salas de restaurante. No outro corpo encontram-se instalados diversos quartos, um verdadeiro hotel, onde a A. C. J. G. hospeda muitos jovens, especialmente estudantes.

A obra da Instituição é importante. Além de aulas de ginástica, diversas modalidades desportivas, secções de campismo, escoteiros, de conferências, fornece diàriamente dezenas de refeições a associados.

O número de jovens que utiliza os serviços da Associação é muito elevado e os diversos departamentos e secções mantêm uma actividade intensa.

A A. C. J. G. abriu as suas portas aos escoteiros que regressavam do «Jamboree». Muitos se serviram dos seus restaurantes que forneciam almoços e jantares a preços económicos e alguns lá estiveram hospedados. Os delegados do «*Sempre Pronto*» foram lá recebidos com simpatia que muito os sensibilizou.

• • o • •

O Clube Rotário de Lisboa e o «Jamboree» da Paz

Chega ao nosso conhecimento que numa reunião do Clube Rotário de Lisboa, o Sr. Dr. Sebastião Silva se referiu à reunião de escoteiros de todo o Mundo realizada em França em Agosto último. «Nela se desmonstrou, disse, como as diversas raças ou religiões podem contribuir para um mesmo fim—a paz e entendimento no Mundo». Propôs o mesmo sr. que o Clube Rotário de Lisboa enviasse as suas saudações ao Bureau Internacional de Escotismo, o que foi aprovado por aclamação.

ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

Nova Sede Finalmente já se encontram quase concluídos os trabalhos de decoração e ornamentação da nova sede, que deve ser inaugurada no próximo dia 1.º de Dezembro. O programa da festa em preparação será publicado no próximo número do nosso jornal. No domingo, dia 30, começarão os festejos com uma tarde desportiva e concerto pela nossa banda. O «84» espera que, nessa data, muitos escoteiros de Lisboa o honrarão com a sua visita.

Baptizado No passado dia 14 de Agosto efectuou-se o baptizado do pequenino Jorge Aníbal, filho do Sub-chefe do nosso Grupo e Delegado do nosso jornal Sr. Aníbal Rodrigues Horta e de sua esposa. Por este motivo tivemos o prazer de cumprimentar o nosso antigo Chefe-Regional Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim e sua esposa Sr.ª D. Maria Teresa M. Sousa P. Jardim, que foram padrinhos do Jorge Aníbal.

Doentes Encontra-se quase restabelecida duma grave doença e da operação a que foi submetida no passado dia 2 de Agosto, a esposa do nosso irmão-escoteiro Armando Godinho.

● Também tem sentido sensíveis melhoras da pertinaz doença que desde há meses vem sofrendo, o nosso estimado assinante e antigo escoteiro deste grupo Sr. Manuel Gomes Medinas.

Concerto A nossa Banda efectuou no dia 28 do mês passado um novo concerto no Jardim Parque, tendo sido muito aplaudida por uma assistência numerosa.

Boas Acções São dignas de registo três B. A. praticadas por escoteiros deste grupo, que chegaram ao nosso conhecimento:

● O escoteiro-sénior Abel dos Santos encontrou na gare de C. F. uma carteira que continha além de documentos de valor a quantia de três mil escudos, tendo feito entrega ao Chefe da Estação, que devolveu mais tarde a carteira ao dono que a procurava aflitivamente.

● Encontrando-se em perigo de vida uma doente desta localidade, que precisava urgentemente de uma transfusão de sangue, o escoteiro João Godinho ofereceu todo o sangue necessário para a salvação da doente. Outros escoteiros se prontificaram a dar o seu sangue, não tendo sido, porém, necessário mais.

● Um outro escoteiro deste Grupo, cujo nome nos não foi possível apurar, viajando de bicicleta passou por um automóvel parado em plena estrada, cujos ocupantes procuravam qualquer coisa. A distância o referido escoteiro foi encontrar uma chapeleira com chapéus de senhora, tendo voltado imediatamente atrás a fazer entrega do achado aos seus donos.

O Grupo n.º 84 muito se honra com o espírito escotista dos seus membros.

Regresso ao Grupo O nosso irmão-escoteiro Luís Guedelha, que se encontrava prestando serviço militar em Elvas, regressou a esta localidade e já se encontra tomando parte nas nossas actividades.—C.

O «SEMPRE PRONTO»
VENDE-SE EM LISBOA
Na Tabacaria do Café Suíço, R. Primeiro de Dezembro.
Na Tabacaria Boa-Hora, R. Nova do Almada, 64.
Na Bolsa Cultural, Largo do Calvário, 25 e 26.